

ELOGIO A ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

Alguns contra-sensos revelam grandezas. As grandezas de alguns equívocos. Como o de, mesmo por um instante, acreditar em um vínculo entre as ânsias e o acontecimento. Mas o acontecimento nos livra de qualquer dúvida e de qualquer certeza, nos livra do que, em nós mesmos, é reconhecido como nosso, deixando irromper nas relações novos fluxos que nos levam para além de qualquer abatimento. Disto trata a grandeza: do distanciar-se do abatimento gerado pela pequenez que, fixando-nos, nos habita, ou nos estanca em alguma fantasia, em alguma idéia preconcebida antes do acontecimento. O acontecimento só se realiza quando derruba o que foi anteriormente determinado, impondo a juventude da surpresa necessária. Aquiescer a ela, deixar-se levar, nadar nesta correnteza, aprender, de fato, a respirar, apenas para, mais uma vez, mergulhado, se misturar às águas até sê-las, e, delas, ser expelido enquanto um algo encharcado, que as estende, jorradadas, continuando-as, aprendendo que tudo é enchente, molhado. Estar, enquanto água, anfibio, sem dentro nem fora, à altura de águas. O acontecimento nunca é antes, nem depois. O acontecimento nunca é o estado solidificado das coisas do durante: ele é a força disseminadora do impacto fugitivo que não se deixa agarrar, o quanto que irrompe através de tudo, nos fazendo, emudecidos, mudar, reacomodá-lo. Sem parar. Reacomodar o quanto, os quantos, em novos comos, incômodos. Inominável e complexo, o acontecimento é o aberto necessário, a disponibilidade com sua agitação que nos provoca à fala, liberando, nela, seus vestígios de animal que não se cansa de migrar. Acatar o rastro na hora em que a pata o inscreve – o primeiro passo do pensar, se não o corpo na totalidade impossível, a pata, no momento exato em que ela afunda a areia já a deixando para trás. Acatar, no incessante da pata com seu vestígio, a potência de todo o corpo. Mais do que isto. Entre a pata e o vestígio, no vazio deste tenso intervalo, acatar, no movimento, seus campos minados. Acatar o vazio deste tenso intervalo, acompanhando o galope sem fazê-lo parar, sem fazê-lo, se possível, perder sua velocidade. Galopar a fala até borrar todos os vestígios. Deixar as poeiras no ar, levantá-las, fazê-las voar. Mais do que tudo, no tenso intervalo, acompanhar as explosões, as bombas, sem querer desarmá-las. Provocar a aceleração, a compressão do dispositivo, a explosão: isto – o acontecimento, obrado pela arte – o escrever. O temporizador acionado para cobrir-se, e o entorno, com as musculosas fuligens da atemporalidade, que, dos subterrâneos ao para além do céu, patinam por todos os lados: não deixá-las, de maneira alguma, se dissipar. Dá-lhes textura, concentração, um modo qualquer de percepção, que sirva como um alarme de insegurança a provocar sabe-se lá

que efeitos colaterais. Como o despedaçar tanto daqueles que se querem agentes quanto dos outros, que se querem pacientes. Se contemplador do mar – de distâncias –, o olhar, melhor vendá-lo, até que toque com seu pé (pé tátil de olhar) o mar; só então, permeável ao mar, quando a distância, impactando a esclera, penetrando a pele, cortando a membrana, adentrando-as, se mistura ao mais íntimo, o olhar sem banda, sem o visto debandado, o olhar que, ferido, acontece. O visto, sem visto de entrada, o olhar, desalfandegado. A sujeira, os restos, os destroços... todos, oxigenados. Nada é passivo, e só o acontecimento, a múltipla eventualidade disforme de todos os afetos, atua, conjunto, simultâneo, aniquilando as estabilidades segregadoras. Entrar no alvoroço incessante do deslocamento fictício, desejá-lo no ponto máximo da voltagem permitida, falar. Se preciso, gritar, ou, então, sussurrar, pouco importa, a fala da carne ou a das veias, tanto faz, dançar, mesmo que com braços e pernas parados, dançar os nervos, deixá-los cantar. Acima de tudo, não permanecer quieto, nunca, jamais o silêncio (nosso lugar-comum) enquanto algo almejado – da impossibilidade requisitante da fala, combater o silêncio, porque a exuberância quer mesmo se desdobrar, adiantar-se. Transformar o que é pequeno em grande. Na grandeza, como dito, a dignidade de alguns equívocos. Como o da ânsia de um grande escritor mais velho à espera de outros mais jovens. A dignidade de tal ânsia é a maturidade de se saber passageira, quando, na ebulição vivida, como os elefantes intuindo a morte, da qual, pesados porém velozes, pela única força – de vida – que trazem dentro da pele espessa, por entre as garras de marfim, rapidamente, fogem, como os elefantes que, portanto, antecipam abalos sísmicos ainda imperceptíveis aos homens... a dignidade de tal ânsia é a maturidade de se saber passageira, quando, na ebulição vivida, flagra, portanto, que o acontecimento, em breve, está para chegar. A dignidade de tal ânsia já é aviso prévio e efeito do acontecimento desestabilizador. A dignidade da antecipação selvagem do acontecimento não nos faz enganar: o corpo da escrita não tem idade. Nem nome. É pura necessidade.